

DOIS TEXTOS A DIVULGAR NO CENTENÁRIO DE TEIXEIRA SOARES

por
JOÃO AFONSO *

Terá sido redigido por Teófilo Braga o reduzido texto de um *prospecto-anúncio* dos «Cantos Populares do Archipelago Açoriano» cujo conteúdo, bem que significativo, pouco ou nada foi estudado. Embora possa ser considerado a matriz da dedicatória teofiliana a João Teixeira Soares de Sousa na portada daquela vultuosa compilação a que o *sábio* e o *santo* jorgense ficou vinculado *a fundamentis*, o certo é que se não tem dedicado atenção aos termos desse texto.

Na oportunidade do centenário de Teixeira Soares, a republicação divulgadora desse e de um outro texto alcançará por certo algum préstimo entre os estudiosos de determinadas peculiaridades da edição dos «Cantos» e das linhas biográficas da insigne investigador insulano ora memorado.

Não ficou no prospecto a data da impressão, tão-pouco se encontra nele indicação expressa da autoria. Saiu, porém, dos prelos da mesma impressora dos «Cantos»: a tipografia da Livraria Nacional, Porto.

O folheto, obviamente e em razão do elenco anunciador, antecedeu a edição, exactamente de quando ainda não se calcula-

* Da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo.

ra (ou calculara mal) o volume que o tomo viria a ocupar, ou sejam as suas quase quinhentas páginas quando o prospecto indica trezentas na previsão.

O impresso, em papel ordinário, não passa de modesto folheto, de folhetinho in-8.º de três manchas impressas e com oito parágrafos tão-somente, um dos quais, o maior, mal excede as trinta linhas.

É pela respectiva redacção — feita a crítica interna do texto — e pela comparação dos termos e da economia literária e de conteúdo do prospecto com palavras de dedicação e homenagem a Teixeira Soares, que se infere a autoria teofiliana, ficando esta, parece, fora de dúvida.

Sábio e *santo* chamaria a Teixeira Soares, passado quase meio século sobre o falecimento em 1882, um conterrâneo, por sinal de nomeada no foro judicial lisbonense e académico conhecido, também, da Sociedade de Geografia e outras instituições culturais: o Dr. Manuel Veloso Armelim Júnior. É em artigo, assaz preparado com elementos esclarecidos e mais que suficientes, que este conterrâneo de Teixeira Soares lhe traça o perfil com vista a chamar a atenção dos açorianos em geral para um nome pouco menos que ignorado. Com efeito, convinha, ao tempo (1927), rememorar tantos quantos — fóra dos círculos sonantes da fama — bem mereciam estar presentes na avaliação da mentalidade insulana devido à sua operosidade, consequente mas não alardeada.

O folheto, pelo que se sabe (melhor: pelo que sabemos), não está registado em qualquer dos correntes *usuais* da nossa Bibliografia. Não obstante — e até com a distância do tempo — esse anúncio, para além da propaganda comercial, assume importância, designadamente por surgir como ajuda para apreciação alargada da talvez *falsa* questão que é a das motivações e da razão da omissão do nome de Teixeira Soares no frontispício dos «Cantos Açorianos». Essa questão (falsa questão? vem, ainda hoje, ao de cima, talvez devido ao anti-teofilismo remanescente que perdura, quando o que mais importa é o estado dos estudos ..

Relativamente à homenagem de Armelim Júnior a Teixeira Soares pelos termos de tamanho apreço atrás sublinhados, o assunto não excede o âmbito de vulgar artigo. Foi este inserto em número de uma publicação editada em Lisboa («Revista Insular e de Turismo») e trata-se de prosa esquecida.

Não será, portanto, de desprezar nem o registo, com o texto, do prospecto-anúncio, nem os termos do artigo indicado. O reavivamento disso — e não mais — é o propósito desta convidada presença em «Arquipélago».

Para proporcionar maior facilidade comparativa do conteúdo do prospecto e da *dedicatória* a Teixeira Soares — pondo lado a lado as expressões da *mesma* homenagem de Teófilo ao seu *colaborador* da ilha de S. Jorge, é de transcrever *ipsis verbis* os dois documentos. Deixar-se-ia ao leitor a análise de ambos e a formulação de ideias quiçá mais ajustadas à posição de Teófilo, tendo quanto a esta em linha de conta que o surgimento dos (nove) cadernos com as recolhas do investigador jorgense se operou quando estava em curso o plano, inteiramente congeminado por Teófilo, do *Cancioneiro e Romancero* (três volumes de 1867, ano anterior à intensificação da correspondência epistolar de Teixeira Soares e Teófilo).

A *dedicatória* (p. V, não numerada) dos «Cantos» foi concebida ao longo de um título clássico e de dois parágrafos, como segue :

AO ILL.^l E EX.^o SNR.

DR. JOÃO TEIXEIRA SOARES

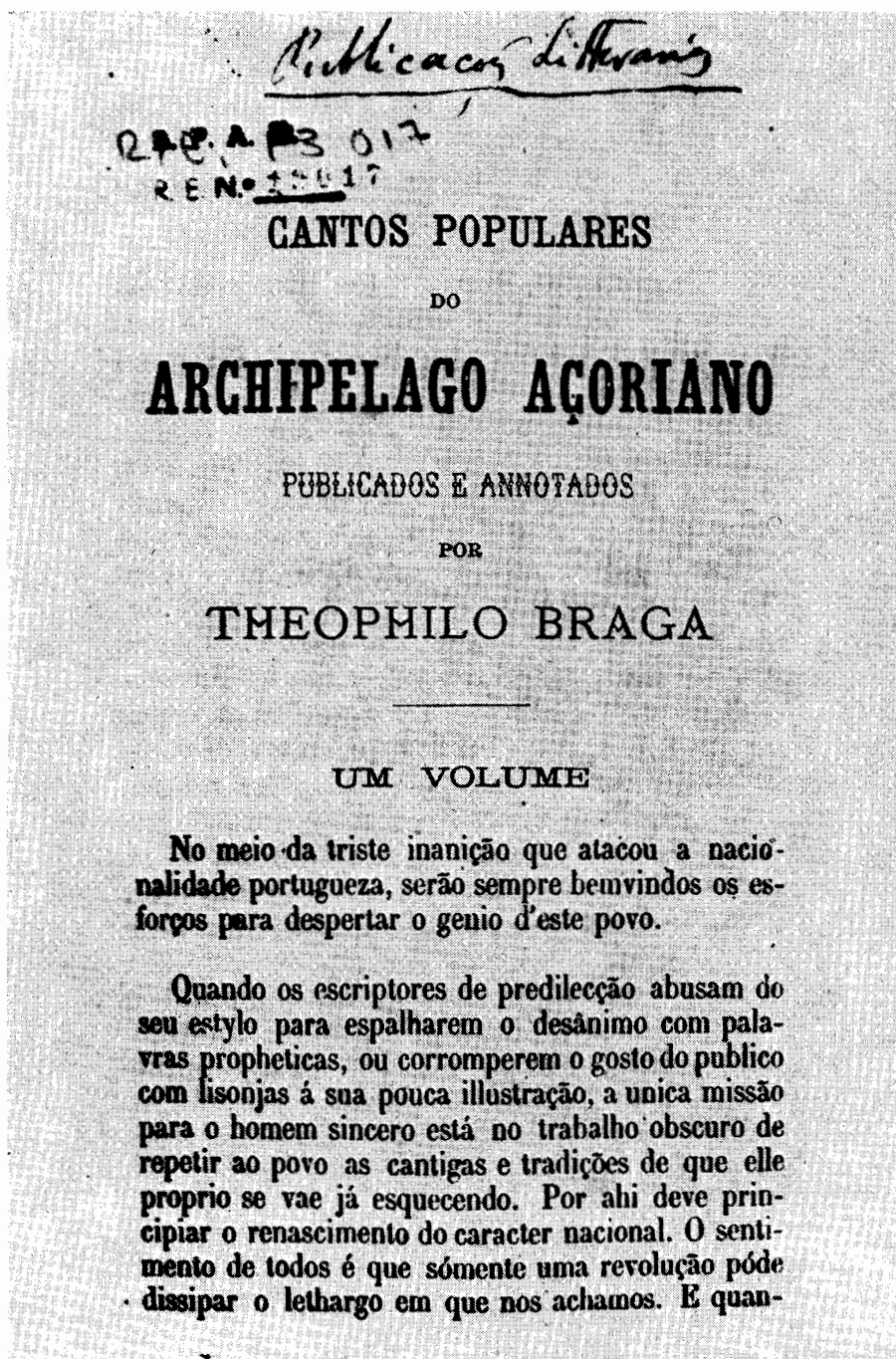
DA ILHA DE S. JORGE

Se o escrever o nome na primeira pagina de um livro fosse em Portugal uma cousa honrosa e digna, pertencia a maior gloria d'este trabalho aquelle que se deixou entranhar no labyrintho da imaginação do povo, para entregar-me o fio da tradição poetica das ilhas dos Açores. Um livro portuguez, e sobre o assumpto mais nacional, está destinado para poucos leitores; para alguns d'elles não passa de uma obra esteril, quando a não tomam por um logro. O meu amigo estuda no seu canto, não conhece isto; mas sei que é bastante nobre para não soffrer que lhe attribuem taes intenções.

Grande parte dos romances aqui publicados foram recolhidos para coadjuvar Garrett na sua tentativa de Romanceiro; não quiz a fatalidade que lhe aproveitassem; acceitei-os da mão do meu amigo, como o propheta menor ao receber o manto de Elias. Se a boa fé e um respeito profundo pelos cantos populares suppreem a intuição artistica, fez bem em entregar-me o deposito sagrado. Juntar o seu nome com o meu no frontispicio da obra, era expôr um homem de merecimento incontestavel a facecias de folhetim; mas lá chegará a hora em que a justiça hade illuminar a pagina aonde está escripto o nome do fervoroso obreiro, que na boa confraternidade da juranda, veiu confiar-me as mais bellas e antigas rhapsodias da epopêa legendar portugueza.

Theophilo Braga.

Eis, adiante, a reprodução das três páginas do exemplar — na verdade raro — do prospecto-anúncio, existente da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo :



tas vezes não tirou o povo das suas cantigas, das suas tradições, a coragem de que precisava? A revolução de França, da Polónia, da Hungria, da Grécia moderna, e os nomes de Rouget de L'Isle, de Koerner, Poetefi, Mickiewick e Cristopulos são uma evidente prova.

A publicação dos primeiros tres volumes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, no qual collaborou uma grande parte da mocidade d'esta terra que vae estudando apesar de não ser festejada da imprensa, achou um acolhimento leal entre os eruditos da Europa illustrada, em Munich, em Paris e em Madrid. Porém o premio mais glorioso d'aquella empreza foi a offerta dos volumosos cadernos dos *Cantos populares das Ilhas dos Açores*, que nos enviou o snr. João Teixeira Soares, da ilha de S. Jorge, outr'ora collaborador do *Romanceiro* de Garrett; este tão lido quanto modesto collecter, foi interrompido no seu trábhalho de colleccionação pela noticia da morte do principe dos modernos poetas de Portugal. Aceitamos o thesouro offerecido generosamente, com o respeito de Elyseu recebendo o manto do propheta. Tambem açoriano, a naturalidade e as recordações da infancia dão-nos o senso intimo para comprehender o *Romanceiro e Cancioneiro das Ilhas*.

As grandes despezas da impressão e o pouco interesse do commum dos leitores por obras d'esta natureza, fazem recorrer ao expediente das assignaturas. — Constará o volume de duas partes:

PRIMEIRA — *Enselada de Romances velhos, aonde*

apparecem pela primeira vez varios romances maritimos. Bem se admirava Garrett da falta d'elles. Ali se acha a Historia da Batalha de Lepanto, em romance. Quevedo allude a muitos romances d'este successo; mas é esta a unica composição popular que existe na Peninsula.

SEGUNDA PARTE — *Rosal de Enamorados*, contando para cima de 2000 cantigas soltas. N'esta secção se incluem os *Fastos do anno*, as *Orações do povo*, as *Parlendas e jogos*, e os *Annexins* insulanos.

O volume deve constar de 300 paginas em 8.^o *Charpentier*.

PREÇO..... 500 REIS



Teófilo — como se nota pela leitura das reproduções — foi ao ponto de considerar o oferecimento das colectâneas de Teixeira Soares qual «prémio mais glorioso daquela empresa» ou seja: do empreendimento editorial, com tudo o que isso implica, do «Cancioneiro e Romancero Geral Portuguez».

Vários são os aspectos de uma análise que o texto do prospecto fornece. Caberá aos especialistas debruçarem-se sobre o assunto e aprofundarem os temas suscitados por Teófilo, designadamente os que se referem à conjuntura cultural do país nos tempos da edição ou das edições de 1867.

Passando ao depoimento de Armelim Júnior, não será necessário ir além da reprodução da parte fulcral do artigo da indicada Revista. Aqui fica como registo de uma homenagem prestada aos méritos de João Teixeira Soares de Sousa, centrada a figura do insigne açoriano da ilha de S. Jorge entre os «Açorianos Ilustres» evocados em sucessivos números da dita publicação de Lisboa, entre os quais se contou também um parente (bem conhecido) de T.S., o autor da «Corografia Açórica», João Soares de Albergaria de Sousa, de quem, no «Fundo Municipal» da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, se guarda uma fotografia inédita que acompanha um texto, também inédito, deste autor comentando a controversa obrasita.

O artigo de Armelim Júnior teve a redacção seguinte:

(com a ortografia do texto)

«AÇOREANOS ILUSTRES

Que o nome ilustre a um certo amor obriga,
E fás, a quem o tem, amádo e caro.

Lusiadas, Canto II, Estancia LVIII.

Mais rasão ha, que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.

Ibi., Canto II, Estancia CXIII.

Reiteradas vêses tenho pela palavra, oral ou escrita, aventádo e propugnádo o conceito de que os Açôres, essas nove formosíssimas pérolas do Arquipélago, — atentas a sua ária e a sua população, e relativamente, — têm dádo e gerádo, para a fama e para a glória, maior número de homens ilustres e de renome, que todo o Continente de Portugal; e, todavia, é geral e profundamente ignorádo entre nós, — até mesmo por intelectuais, até mesmo por açorianos cultos — que são *ilheus*, açorianos, tantos nomes laureádos nas sciências, nas artes e nas industrias; nos três nobilíssimos sacerdócios do Padre, do Advogado e do Médico; no Exercito e na Armáda; na Judicatura, na Magistratura Administrativa, e do Ministério Público; no Magistério primário, secundário e superior; no Parlamento e na Imprensa; Estadistas, Ministros, Alto Cléro, Funcionalismo público, etc.

Como já escrevi algures, é «incontestavelmente util e necessária» esta secção, em todas as fontes de publicidade.

«*Util*, por esclarecedôra e instructiva, e, sobretudo, como incentivo e estímulo nóbre para os nóvos.

«*Necessária* para estabelecer a verdade, ilustrar a opinião, e deferir aos Açôres a justa glória que lhe compéte».

Depois ha que ratificar dádos, rectificar dátas, formular justas e preciosas reivindicações; evidênciar que certas personalidades são, especialmente, glórias dos Açôres, sem contudo deixárem de sêr, geralmente, lídimas glórias de toda a Pátria portuguesa; — profligar êrros e mentiras, insídias e calúnias, injustiças e iniquidades; e restaurar a verdade e a virtude, a justiça e o bem.

*

* *

Começamos hoje por um dos mais ilustres filhos da minha terra, uma das mais puras glórias dos Açores, um verdadeiro Homem de ciência e consciência; um sábio e um santo.

Ao traçar-lhe o perfil, aproveito o ensejo para fazer uma imprescindível e justa reivindicação, para o seu nome e para a sua glória.

O homem ilustre, o jorgense preclaro, — pela sua nóbre estirpe, como pela sua alta intelligencia, vasto sabêr e nobilissimo character — o Dr. João Teixeira Soares de Sousa a cuja memória venho prestar este culto, era um verdadeiro *benedictino*, não sómente pela sua admiravel paciência, as suas vastas e profundas escavações históricas, que fizéram diser a outro açorianista ilustre, poeta inspirado e prosador eximio, o meu sempre saudoso e querido *Ernesto Rebello*, faialense eminentissimo, que o Dr. João Teixeira era «um dos homens que mais profiadamente estudou tudo que dizia respeito á sua patria;» referindo-se aos «importantes documentos relativos ao Arquipélago açoriano,» deixados por «este ilustre homem de letras» (*Notas Açorianas*, insertas no *Arquivo dos Açores*, vol. 7, pag. 183); senão tambem pela afincada concentração do seu alto espirito, pelo seu voluntário isolamento, no meio do bulicio do mundo, pela extrema soledade do seu lar, que era um verdadeiro ermiterio, que a bem poucos foi dado penetrar.

D'aí o manter-se sempre fóra, e muito superior a soalheiros, a intrigas e enrêdos, a maledicencias e detracções, a menoscábos e invejas, a mordacidades e dictérios; absorvido todo por completo nos seus estudos históricos, scientificos e literários.

D'aí a sua aparente friesa e imperturbavel serenidade, as suas poucas, mas sempre conceituosas palavras, os seus gestos tão sóbrios e medidos, e a sua notavel circumspecção. Parecia que o seu intimo lêma era o *multum in paucis* dos romanos.

Não frequentava igrejas; não passava como religioso; e era, todavia, fundamental cristão e uma alma sãissima e boa.

*

O Dr. João Teixeira Soares de Sousa nasceu no palacête dos Terreiros, freguesia das Manádas, Ilha de S. Jorge, onde veraneavam seus paes, os srs. Miguel Teixeira Soares de Sousa e D. Maria Angélica Soares de Albergaria, no dia 12 de Setembro de 1827, e não

a 2 de Setembro, como afirma o sr. Ernesto do Canto, a pag. 9 do vol. 4.º do citado *Arquivo dos Açores*.

Após os seus primeiros estudos na Vila das Vélas, capital da Ilha de S. Jorge, e em Angra do Heroísmo, capital da Ilha Terceira, e uma visita de recreio e estudo à Ilha de S. Miguel, foi a matricular-se, em outubro de 1849 nas Faculdades de Matemática e de Filosofia, na Universidade de Coimbra, tomando o grau de bacharel, em ambas, em 1853 e formando-se, na segunda em 1854.

Frequentou ainda, durante o quarto ano, 1852-1853, o primeiro ano de Medicina, que abandonou, por lhe repugnar, invencivelmente, a vista de cadáveres.

Após a sua formatura, entregou-se inteiramente aos seus predilectos estudos eruditos, de investigação histórica e literária, como seu ilustre tio, João Soares d'Albergaria de Sousa, de quem, oportunamente, falarei.

Ambos viveram para a glória das letras.

A ambos, pois, se adequa e aplica o alto e judicioso conceito do primeiro, a propósito dos Corrêas de Mello, da Ilha de S. Jorge:

— «Os individuos e as familias, que vivem para a glória, não perecem, são imorredouros.»

Ernesto Rebello, nas supra citadas interessantes e eruditas «*Notas Açorianas*», consigna este exacto e justo conceito: — «São Jorge foi sempre uma ilha que tem contado pessoas muito dadas ao estudo, e algumas até bastante notáveis. O Dr. João Teixeira Soares, por exemplo, que é homem muito instruído.»

O distincto e espirituoso prosador, já falecido, general Henrique das Neves, nos seus apreciáveis «*Esbocetos Individuais*,» 2.ª série das *individualidades*, 1.º vol. 1911, escreve a pag. 75: — «Quer pela observação e estudo, quer pela isenção e honradês de caracter, e até pelas originalidades, que tanto singularisavam a sua individualidade moral, foi em tudo um homem característico, util, destacando-se distinctamente com um simpatico relêvo da banalidade estéril e inutil.»

O eminente açoreanista, escritor distincto e eruditissimo, Dr. Ernesto do Canto, no seu citado *Arquivo dos Açores*, no notável artigo, de pag. 7 a 10 do vol. 4, que consagra uma era nova, como o havia predeterminado a vista de águia dêste homem verdadeiramente superior, num notável artigo, e no seu característico estilo, publicado no n.º 931 do *Angrense*, da cidade de Angra do Heroísmo.

E, todavia, acêrca de Aquele a quem mais deveu a Ilha de S. Jorge e as causas do constitucionalismo, da liberdade, da civilização e do progresso, da instrução e educação populares nos Açores,

quão pouco ou quasi nada tratam os nossos melhores reportórios biobibliográficos!...

O valiosíssimo *Arquivo dos Açores* nem uma méra e sucinta nota bio-bibliográfica encerra sobre este ilustre açorianista.

A *Biblioteca Açoriana*, de Ernesto do Canto, apenas contém, a pag. 189, a indicação da *Corografia Açórica*, sem o mínimo comentário.

Inocência, no tomo IV, pag. 40 do seu importante *Dicionário Bibliográfico*, apenas diz o que aí se lê, e que pouquíssimo é.

Pouco mais disse Brito Aranha no tomo 10.º (3.º do suplemento) pag. 356 e ainda com inexactidões, como a de que João Soares de Albergaria «morreu em Março de 1875», quando faleceu em 1 de Fevereiro desse ano.

Mais grave, porém, é a seguinte de Inocência, no local supracitado, quando escreve: «Segundo se lê nas Memórias da Academia Real das Ciências, tomo X, parte 2.ª a pag. 226, esta obra (*Corografia Açórica*) foi tida como de inferior merecimento por suas inexactidões, principalmente na parte geográfica e no que diz respeito à extensão de cada uma das ilhas, etc., etc.».

Estes etc., etc. insinuam ainda outras inexactidões.

Abre-se, porém, o volume aí citado — «História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa», e encontra-se de pag. 221 e 227, uma «Memória sobre a precisão de reformar o Roteiro de Pimentel», firmada por José Maria Dantas Pereira, e na nota 1.ª, a pag. 227 e não 226, lê-se o seguinte:

«Não menciono a *Corografia Açórica*, publicada em 1823, porque sem grande conhecimento de causa se descobre facilmente a sua inferioridade, e se conclue que deve ser-lhe preferido, *emquanto ao meu assunto*, o Padre Cordeiro, etc., etc.».

Não diz Dantas Pereira, concreta e explicitamente, em que consiste a inferioridade desta obra, nem indica e precisa as tais inexactidões. Apenas afirma «quanto ao meu assunto», isto é, às dimensões das ilhas, prefere o Padre Cordeiro, «que escreveu ha mais de hum seculo, pois relata hum facto notorio para provar as dimensões»; «e estas differem muito menos das que se encontram nos classicos Fleurier, Tofino e Heather; mais depressa mencionaria as *instrucções* praticas em forma de roteiro, dados á luz em 1821; mas este opusculo, emquanto a dimensões repete Pimentel que, discordando dos classicos tanto quanto relato na presente Memória, torna assaz obvia a conclusão, que em tal caso deve ser tirada pela boa logica».

De tudo isto o que resulta evidentíssimo é que, quanto às tais *Dimensões* com *D* maiúsculo, andavam todos às aranhas!...

A começar no próprio Dantas Pereira que, em questões de *Dimensões* parece preferir à *medição* a «boa lógica»!... e dá a *Corografia Açórica* como «publicada em 1823», quando o foi em 1822.

Esta obra é tão *inferior*, que ainda hoje é muito apreciada e procurada.

Escreve o próprio Inocêncio, no lugar citado: «Hoje, porem, acha-se a edição de todo exausta, e já vi vender alguns exemplares por preço excedente ao de 600 réis, seu custo primitivo».

O que é e o que vale esta notável obra do insigne jorgense, e a *sciência* e *consciência* com que se a avérba de *inferioridade* e gáfa de *inexactidões*, mostrá-lo hei a toda a luz da evidência em subsequente artigo.

O Dicionário *Portugal*, vol. I, pag. 123, limita-se a reproduzir Inocêncio.

Acêrca dêste ilustre jorgense, escreveram algumas palavras justas o não menos ilustre jorgense Dr. João Teixeira Soares de Sousa, no periódico *Jorgense* n.º 9, de 15 de Junho de 1871, e o distinto escritor terceirense José Augusto da Silva Sampaio, no semanário *A Terceira*, n.º 972, de 4 de Novembro de 1876; mas êste contém conceitos depreciativos, menos correctos e falhos de imparcialidade e de justiça. — *Armélím Júnior.*»

Angra do Heroísmo, 13 Out. 1982.